

Artigo ID:18803

Completo em: 2023-04-13 01:58

Recomendação: Aceitar com correções

O trabalho é relevante, dispõe de uma estrutura bem organizada, aciona um campo teórico consolidado e traz uma discussão reflexiva de folêgo. Contudo, alguns pontos podem ser melhor esmiuçados, com a finalidade do próprio texto oferecer uma colaboração ainda mais qualificada ao debate sobre mídia, televisão, representação negra, processos midiáticos associados ao 'mundo negro' ou da população negra brasileira.

É importante, por exemplo, que a autoria acione em termos bem dispostos os entendimentos feitos sobre algumas categorias amplamente articuladas, que são mobilizadas, embora sem muitas explicações. Valendo essa observação para 'processos identitários'; pós-abolição. É também importante melhor articular essa noção de Casa Grande e Senzala demandada pela autoria a partir da dimensão do sexual/afetivo, parece haver pouca complexificação das relações ali imbricadas, além de uma ausência completa ao autor que advogou pelo - que hoje - se tornou uma categoria. A autoria traz como se houvesse pleno entendimento de quem lê de que se trata da obra Freyriana, o que não é bem o caso.

Em um momento do texto, a autoria considera que Brasil e EUA partilham de um plano de colonização similar, mas será mesmo? E se sim, em quais contornos? Vale esquadrinhar.

Na página 15, a autoria afirma que: "Essa definição se encaixa na construção do pensamento hegemônico a partir da ideia da escravizada como um objeto de compra, pertencendo assim ao seu senhor de engenho. Já a mãe preta corresponde à categoria das mulheres escravizadas onde a sua sexualidade era completamente anulada, exceto se servisse para cuidar dos filhos dos seus senhores, sendo essas mulheres as responsáveis pela criação das crianças brancas." Mas, em havendo uma anulação que é absoluta, como operaria essa exceção? Em que medida a 'sexualidade' dessa mulher negra fornece cuidados? Talvez a ideia precise ser melhor articulada, a abordagem está um tanto confusa.

O uso do termo pretoguês é interessante ser colocado em itálico, pela relevância do conceito, com seus usos e sentidos.

Diferente de outras personagens que são contextualizadas, não é oferecido o mesmo tratamento para personagem Zenaide, muito embora é através dela que as reflexões são ilustradas.

Pergunto: qual razão/motivo/escolha para não haver uso de imagens/frames da novela? Um trabalho que se reveste fundamentalmente do debate de imagem/narrativa precisa justificar em bons termos o não uso deste recurso.

A Redenção de Cam, surge como um dado previamente em compreensível para todos que acessam o texto, cabe pensar uma nota de rodapé.

Na página 23, a autoria discute que: "A personagem não se enquadra nas imagens de controle apresentadas por Collins, mantendo em sua curva dramática aproximação com sua história e suas raízes sociais negras." Esses paradoxos que complexificam o conceito podem ser mais discutidos, me parece ser um cerne interessante e que alarga a própria do que será qualificado na noção de 'imagens controle'.

Como sugestão teórica, acredito que o livro Entre Campos: Nações, Culturas e o Fascínio da Raça pode auxiliar, especialmente nesta relação da cooptação da noção de raça na representação

de vetores do capital. Nessas articulações também as discussões sobre Ideologia promovidas por Gramsci podem contribuir. Assim como o capítulo 'Édipo Negro: a dupla negação de gênero e raça' presente no livro *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*, de Rita Segato.

Observar também as normas da ABNT, além de uma revisão ortográfica.